

A importância da alfabetização cartográfica nos anos iniciais

The importance of cartographic literacy in the early years

La importancia de la alfabetización cartográfica en los primeros años

Juliana dos Santos Lima¹

Samiris Leite dos Santos²

Resumo: A Geografia se faz presente no cotidiano da criança desde os primeiros anos de sua vida, pois está diretamente ligada à maneira como ela percebe e interage o mundo à sua volta. Pensando nisso, este trabalho tem como escopo refletir sobre a relevância da alfabetização cartográfica nos anos iniciais. Desde pequena, a criança explora o espaço em que vive, seja na observação do ambiente ao seu redor, na identificação de lugares, na observação dos elementos da natureza, reconhecendo distâncias ou até mesmo na percepção das mudanças no espaço. Nesse contexto, a ação de ler e interpretar o mundo são indicadores promissores no decorrer do processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de geografia; Alfabetização cartográfica; Anos iniciais.

Abstract: Geography is present in a child's daily life since their earliest years, as it's directly linked to how they perceive and interact with the world around them. With this in mind, the scope of this work is to reflect on the relevance of cartographic literacy in the early years. From a young age, children explore the space they live in, whether by observing their surroundings, identifying places, noticing elements of nature, recognizing distances, or even perceiving changes in space. In this context, the act of reading and interpreting the world are promising indicators throughout the process of building knowledge.

Keywords: Geographic education; Cartographic literacy; Early years.

Resumen: La Geografía está presente en la vida cotidiana de los niños desde sus primeros años, ya que está directamente ligada a la forma en que perciben e interactúan con el mundo que les rodea. Con esto en mente, el objetivo de este trabajo es reflexionar sobre la relevancia de la alfabetización cartográfica en los primeros años. Desde pequeños, los niños exploran el espacio en el que viven, ya sea observando su entorno, identificando lugares, notando elementos de la naturaleza, reconociendo distancias o incluso percibiendo cambios en el espacio. En este contexto, el acto de leer e interpretar el mundo son indicadores prometedores a lo largo del proceso de construcción del conocimiento.

Palabras-clave: Enseñanza de geografía; Alfabetización cartográfica; Años iniciales.

Introdução

A construção do conhecimento geográfico deve ocorrer de forma gradual e lúdica, usando exemplos reais para que as crianças possam relacionar os conteúdos com suas experiências diárias. Dessa maneira, o ensino da Geografia contribui não apenas para a aquisição de habilidades espaciais, mas também para a formação de indivíduos mais críticos e conscientes sobre o meio ambiente e a sociedade.

¹ Universidade Federal de Sergipe - UFS

² Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece cinco campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver, a saber: i) o eu, o outro e o nós; ii) corpo, gestos e movimentos; iii) traços, sons, cores e formas; iv) escuta, fala, pensamento e imaginação; e v) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Embora a BNCC não utilize explicitamente o termo “alfabetização cartográfica” na Educação Infantil, seus pressupostos estão presentes na política de multiletramentos, ao defender o contato das crianças com diferentes linguagens, como a visual, a gráfica e a espacial. Nesse sentido, acreditamos que a alfabetização cartográfica nos anos iniciais assume papel fundamental na formação da criança, pois contribui para o desenvolvimento das noções espaciais, da orientação, da localização e da leitura do espaço vivido.

Nesse sentido, os campos de experiência, especialmente “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” e “Traços, sons, cores e formas”, favorecem práticas que envolvem a exploração do espaço, os deslocamentos, os percursos e as representações gráficas, elementos essenciais para a construção do pensamento cartográfico. Assim, a alfabetização cartográfica amplia as possibilidades de leitura do mundo, permitindo que a criança interprete, represente e compreenda e se relacione com o espaço em que vive, fortalecendo sua formação integral e o desenvolvimento de competências alinhadas às orientações da BNCC.

A partir disso, entendemos que nos anos iniciais a alfabetização cartográfica e a Geografia de um modo geral ganham contornos relevantes e indispensáveis no processo de construção de conhecimento do aluno, pois compreendemos que é nesse momento que a criança aprende a pensar e a organizar o espaço em que habita, a observar a paisagem local, a sentir o lugar em que se vive e a interpretar o seu cotidiano.

Em linhas gerais, a importância da alfabetização cartográfica nas séries iniciais diz muito sobre como fazer com que a criança possa “aprender a pensar o espaço” (Callai, 2005, p. 229). Assim, propomos neste trabalho fazer breves considerações sobre a importância da alfabetização cartográfica no processo do “aprender a pensar o espaço” dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Este trabalho está dividido em duas partes principais para além desta parte introdutória e das considerações finais. Na primeira parte, propomos discussões voltadas à Geografia nos anos iniciais, com vistas para a importância que ela tem e mantém no âmbito da interpretação da realidade da criança com o espaço ao seu redor, tornando-se um fator crucial para a construção de sua percepção geográfica e para a formação de um olhar mais crítico sobre o

mundo. Para isso, tivemos como base teórico-metodológica autores como Callai (2005; 2010) e Straforini (2002).

Na segunda parte, propomos discussões ligadas à importância da Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais no processo de leitura do mundo, com base em autores como Lima e Silva (2023), Azevedo (2019), Almeida e Passini (2008). Assim sendo, sugerimos nessa parte elementos que indicam ser valiosos para o contexto de alfabetização geográfica, dentre os quais podemos destacar o uso de mapas, croquis, maquetes, desenhos e o papel do professor como facilitador no processo de construção de conhecimento cartográfico ativo e autônomo.

Geografia nos anos iniciais

A Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem um papel primordial ao ajudar os alunos a compreenderem o mundo a sua volta a partir de suas próprias vivências e observações cotidianas, uma vez que a criança aprende no dia a dia por meio das interações, seja pelos sentimentos, por aquilo que vê, ouve, sente, ou pelas relações que constrói com o outro. Concordamos com Callai (2005, p. 233) ao explicar que “desde que a criança nasce, os seus contatos com o mundo [...] buscam a conquista de um espaço [...], cheio de desafios e variados obstáculos, e que, para ser conquistado, precisa ser conhecido e compreendido”.

Com base na autora, entendemos que o espaço faz parte da vida da criança em seu início, pois desde o nascimento ela já vem percebendo, explorando e entendendo o espaço ao seu redor, mesmo que de forma intuitiva com base em suas experiências diretas, seja ao brincar, observar, tocar objetos ou caminhar. Tudo isso é um processo de construção do seu entendimento com o mundo, ou seja, não é algo neutro.

Importante pontuar, nesse sentido, que cada criança é única, assim como suas vivências e experiências. Ao chegar à escola, ela não entra como uma folha em branco. Pelo contrário, a criança já carrega memórias individuais e coletivas, um contexto familiar formado por vínculos afetivos e um cotidiano em constante construção do lugar em que vive. Como reforça Straforini (2002, p. 99), “a realidade assume nas primeiras séries do ensino fundamental o centro de todo o processo desencadeador. É na realidade que se encontra a concretude do mundo”. Com essa afirmação, o autor destaca que o ensino de Geografia nos Anos Iniciais deve partir de experiências vividas pelas crianças, por meio do lugar onde moram, convivem ou se movimentam. É por meio dessa realidade cotidiana que elas iniciam sua construção de sentido

sobre o espaço, pois é nessa fase que as crianças estão começando a descobrir a realidade, as coisas do mundo.

Callai (2005) diz que aprender a pensar o espaço é entender e interpretar o ambiente ao nosso redor, isso inclui reconhecer locais, direções e como diferentes espaços se conectam. Deste modo, essa habilidade é essencial na Geografia, pois possibilita ao estudante relacionar suas vivências e a compreender as relações sociais e culturais nos diversos contextos em que vive. Assim, a Geografia dos Anos Iniciais deve partir dessas experiências reais e vividas, e não de conteúdos prontos e abstratos, possibilitando ao aluno os elementos e estímulos necessários que lhes permitam não apenas ler o mundo, mas se relacionar com ele.

A construção de conhecimento no ensino de Geografia é um processo complexo que se inicia na infância, período em que a capacidade de leitura e interpretação do mundo se tornam fundamentais. Nas séries iniciais, a alfabetização geográfica emerge como uma ferramenta crucial para que as crianças desenvolvam não apenas a compreensão do espaço em que habitam, mas também a habilidade de observar e interpretar o mundo ao seu redor. Considerando a importância que a alfabetização geográfica tem nessa fase escolar, Straforini (2002, p. 102) explica que, de um modo geral,

quando uma criança entra na escola fundamental, uma nova fase de sua vida se inicia. Tudo o que ela mais quer é aprender. Essa ansiedade não se resume a ler, escrever e fazer operações o que ela mais quer é aprender. Essa ansiedade não se resume a ler, escrever e fazer operações matemáticas, mas também desvendar suas inúmeras indagações sobre o mundo que a cerca, as coisas naturais e humanas, o mundo da televisão, do rádio e do jornal, um mundo que é distante, mas ao mesmo tempo próximo.

Diante de tais condições, é importante que o educador possa intervir efetivamente realizando uma mediação ativa na organização do conhecimento da criança. Se tudo que ela quer é aprender, que ela aprenda, que ela descubra, interprete e interrogue. E que o professor, enquanto mediador, possa fornecer ferramentas que possibilitem a essa criança a construção de experiências e leituras de mundo singulares.

Callai (2005, p. 231) defende que “o professor, as suas concepções de educação e de geografia, é que podem fazer a diferença. A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta”. Como bem ressalta a autora, o docente tem que transformar a aula, não apenas repetir fórmulas prontas, pois não será o conteúdo do livro ou currículo que vai determinar a qualidade de ensino, mas como o educador enxerga a educação e a própria Geografia. Ele tem

que entender seu papel, o conteúdo, e principalmente o aluno, e como aplicar essas teorias de forma clara e metodológica.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que a escola, enquanto instituição, também promove experiências que favorecem a construção do pensamento geográfico desde os anos iniciais a partir de mediações, vivências e aprendizagens. É por meio dessas interações que se desenvolvem a leitura do mundo e desse espaço vivido pela criança. Seguindo essa linha de raciocínio, Callai (2010, p. 31) destaca que

refletir sobre *escola, cotidiano e lugar* nos reporta a pensar no mundo da vida e na criança inserida nele e a escola passa a dar as ferramentas para que ela o interprete. Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca pela sobrevivência e pela satisfação de suas necessidades, poderia ser o ponto de partida para se definir a presença da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, Callai (2010) destaca que a Geografia nos Anos Iniciais deve partir da vivência do estudante e da realidade que o cerca, e não de um conteúdo abstrato ou distante, então a criança tem que aprender a olhar, questionar e compreender o espaço vivido. Ao “ler o espaço”, a criança não vai apenas ver o cenário, mas entender a paisagem que vê, e compreendê-la como resultado da ação humana.

É válido ressaltar que o ensino de Geografia deve ir além da memorização de dados ou nomes de lugares, promovendo a construção de conhecimentos que possibilitem aos alunos compreensão e interação ativamente com a sociedade. Ou seja, a criança deve ser capaz de interpretar, construir significados e se reconhecer como parte do espaço que vive. Para isso, torna-se necessária uma didática que favoreça a aprendizagem significativa, permitindo a articulação dos conceitos geográficos ao cotidiano dos alunos e contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Em síntese, o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem um papel significativo na formação das crianças, facilitando a compreensão e interpretação do meio no qual estão inseridos. Ao desenvolver habilidades de análise do mundo ao seu redor, os alunos não apenas constroem conhecimento, mas também estabelecem conexões significativas com sua realidade cotidiana.

Dentro desse processo de ensino da Geografia nos Anos Iniciais, destaca-se a alfabetização geográfica, que busca desenvolver nos alunos a capacidade de compreender a leitura e a interpretação do espaço, além de levar à reflexão sobre o cenário em que vivem com

base em percepções construídas no seu dia a dia. Nesse contexto, a cartografia surge como ferramenta crucial, contribuindo para a construção da leitura crítica do mundo e também do pensamento espacial, permitindo que os alunos percebam como diferentes ambientes são organizados e interconectados. Isto posto, no próximo tópico, nos debruçamos sobre a importância da Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais.

A importância da alfabetização cartográfica nos anos iniciais: breves considerações

Quando nos referimos à alfabetização cartográfica, referimo-nos, é claro, à cartografia articulada à Geografia. Sobre isso, Lima e Silva (2023, p. 62) dizem que

a Cartografia é uma ciência de representação do espaço, sendo importante para a construção do saber geográfico (espacial), levando o discente a interpretar e analisar as relações diversas de representação (espacial) que existem nos mapas, conduzindo a compreendê-lo como produto das relações da sociedade. Assim, é importante que os alunos leiam os mapas de maneira adequada e autônoma e, para isso, o professor deve evidenciar um ensino voltado para o uso da Cartografia para o entendimento do espaço geográfico em que vive.

A cartografia precisa ser uma ferramenta importante para o entendimento do espaço geográfico. Nisso, o professor tem o papel de vincular os conteúdos da geografia de modo com que o aluno deixe de ser apenas um observador passivo e passe a ser um leitor crítico ativo do espaço que é representado através dos mapas. Através da participação ativa do aluno, ele pode perceber que a cartografia não se refere somente à técnica de ler um mapa, mas a um processo de busca e compreensão crítico-analítica da construção dos espaços na sociedade (Lima; Silva, 2023).

Na mesma linha de raciocínio, Almeida e Passini (2008) destacam que o mapa é de suma importância para a compreensão da distribuição e da organização dos espaços. Para as autoras, ler mapas é mais que identificar um rio, uma especificidade de relevo, um tipo de vegetação específica. Assim como aprendemos a escrever, a realizar uma conta matemática, também devemos aprender a ler um mapa (Almeida; Passini, 2008), a nos comunicarmos através deles, pois eles também são uma forma de linguagem.

Sendo assim, a alfabetização cartográfica se torna um elemento indispensável em qualquer fase do ensino, mas ganha uma relevância ainda maior quando pensada nos anos iniciais, porque

[...] é esperado que as crianças cheguem nos anos finais do ensino fundamental em processo de consolidação da alfabetização cartográfica, que deveria iniciar-se na educação infantil, com o desenvolvimento das relações espaciais topológicas e projetivas e se consolidar nos anos iniciais do ensino fundamental nível em que os professores são responsáveis por este processo de alfabetização cartográfica. Nesta etapa, o objetivo básico deve ser a alfabetização cartográfica (Azevedo, 2019, p. 72).

Conforme a autora, nesta fase (Anos Iniciais do Ensino Fundamental), essa alfabetização pressupõe o desenvolvimento das relações espaciais, como i) visão oblíqua e visão vertical; ii) imagem tri e bidimensional; iii) alfabeto cartográfico composto pelo ponto, linha e área; iv) construção da noção de legenda, proporção e escala; e v) lateralidade, referência e orientação (Azevedo, 2019). Nesse cenário, o professor se apresenta como um importante mediador e cabe a ele “ajudar o aluno a estabelecer e aclarar essas categoriais para chegar a estruturas de organização espacial” (Almeida; Passini, 2008, p. 27). Ainda com base nas autoras, é papel do professor introduzir essa linguagem através do trabalho pedagógico, levando o aluno a penetrar cada vez mais no entendimento da estruturação do espaço a nível de sua concepção e representação.

Dando continuidade, Lima e Silva (2023) assinalam que, para a compreensão da Cartografia, deve-se começar pelo processo da alfabetização cartográfica que deve ser iniciada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir das situações vivenciadas pelos alunos, relacionando com estudos espaciais mais simples, visando trabalhar os referenciais de localização, orientação e distância, buscando a autonomia de representação dos lugares onde vivem e se relacionam, para posteriormente o aluno saber se posicionar frente à modernidade e a ciência.

Desse modo, com base nos autores, é importante pensar a alfabetização cartográfica levando em consideração o espaço vivido dos alunos, já que o ambiente vivenciado é um elemento essencial neste processo. E isso nos faz lembrar do que mencionam Almeida e Passini (2008, p. 26) ao explicarem que

o espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. É apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorrê-lo, delimitá-lo, ou organizá-lo segundo seus interesses. Daí a importância de exercícios rítmicos e psicomotores para que ela explore com o próprio corpo as dimensões e relações espaciais.

Dessa maneira, compreendemos que, partindo da realidade do aluno e das experiências vividas, o processo de alfabetização cartográfica pode se tornar muito mais significativo, uma

vez que o estudante pode participar ativamente na construção do conhecimento cartográfico e geográfico de um modo geral. No espaço de vivência da criança, também há discussões pertinentes, há narrativas, há tradições, há problemas sociais, ambientais, econômicos, da mesma forma que há paisagens que precisam ser interpretadas, culturas e costumes que precisam reconhecidos, mapeados e interpretados. Assim, concordamos com Oliveira, Souza e Rocha (2016, p. 277) ao dizerem que “no processo de ensino aprendizagem as representações cartográficas possibilitam a abordagem do espaço vivido, onde o professor tem a tarefa de proporcionar atividades em que os alunos explorem o espaço geográfico”.

Podemos dizer que o espaço vivido é uma amostra da complexidade irreduzível que é a totalidade do mundo. Assim, ler esses espaços significa realizar um esforço na tentativa de exercitar a leitura do mundo, que é algo mais complexo. Trazer para a sala de aula uma fração desse cenário sem dúvidas proporcionará resultados satisfatórios de um modo geral, tanto para o aluno, que é o protagonista nesse processo de aprendizado, quanto para os professores, para a comunidade, para a escola e para a família.

A importância da realidade do aluno e do espaço vivenciado para a alfabetização cartográfica pode ser novamente reforçado pelas palavras de Almeida e Passini (2008, p. 23) ao dizerem que,

assim, consideramos o espaço de ação cotidiana da criança, o espaço a ser representado. A partir dele também serão construídas as noções espaciais. A criança perceberá o seu espaço de ação antes de representa-lo, e, ao representa-lo usará símbolos, ou seja, codificará. Antes, portanto de ser leitora de mapas, ela deverá agir como mapeadora do seu espaço conhecido.

Além da aplicação do espaço cotidiano da criança, Azevedo (2019) explica que é importante trabalhar a representação espacial por meio de desenhos, croquis, mapas mentais ou imagens. Isso é uma forma de avançar no pensamento espacial, pois leva o aluno a representar elementos que não apenas fazem sentido em sua vida, mas coisas que fazem parte da sua realidade, desmitificando a ideia que somente o mapa, realizado com as técnicas cartográficas, é que representa o espaço.

Nessa mesma linha de pensamento, Lima e Silva (2023, p. 63) assinalam que

o docente deve buscar metodologias afins que possam preparar seu aluno para a realização da análise de sua representação, desenvolvendo a compreensão dessa espacialidade estudada e vivenciada. Dessa forma, a alfabetização cartográfica deve ter a mesma preocupação e seriedade quanto ao

planejamento de aulas atrativas e estimulantes que a leitura e a escrita, como a matemática ou qualquer outra disciplina do perfil curricular do aluno.

Diante do exposto, se durante uma aula o professor pede para o aluno cartografar o caminho de casa para a escola e a criança desenvolve tal trabalho, isso quer dizer que ela está representando o espaço, ela está se comunicando através das linhas, dos símbolos e dos objetos traçados no papel. Está aliando a teoria com a prática de maneira lúdica. Assim, concordamos com a autora ao dizer que “as atividades devem ser planejadas para além do ensinar uma técnica ou ensinar a cartografia pela cartografia; devem envolver o aluno no conteúdo que está sendo trabalhado e, principalmente, na dimensão espacial do fenômeno estudado” (Azevedo, 2019, p. 23).

A criança precisa estar incluída naquilo que ela está desenvolvendo, fazendo, construindo. O professor, neste caso, é um facilitador no processo de aprendizagem da criança. É importante que ele seja essa ponte que conecta os alunos ao conhecimento cartográfico, não de qualquer forma, mas de uma maneira criativa, ativa, construtiva e significativa. Assim como outras disciplinas são importantes na constituição do saber, a alfabetização cartográfica também precisa receber a sua porcentagem de relevância. A alfabetização cartográfica, nesse contexto, não se resume somente à ação de ensinar o aluno a ler um mapa ou a se localizar – embora isso seja um aspecto muito importante –, mas contribuir para o desenvolvimento do pensamento e compreensão do espaço em sua complexidade, desenvolver o pensamento crítico, auxiliar na compreensão do mundo e contribuir para a emancipação do aluno.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, apreendemos que é muito importante que no processo de alfabetização cartográfica o professor possa aliar os conteúdos básicos com o espaço de vivência do estudante, para que dessa forma o aluno possa ter uma base de referência a partir de seu cotidiano.

Observamos também, que é importante que o professor tenha uma formação diferenciada e que fuja do contexto tradicional de ensino, ou seja, é relevante que o professor possa sugerir novas intervenções, novas didáticas e novas metodologias, priorizando, principalmente, aquelas que façam com que o aluno se sinta incluído e motivado. Projetos com a utilização de desenhos, maquetes, mapas mentais, croquis e arte visual podem ser opções, por exemplo.

É necessário ampliar os conhecimentos geográficos dos alunos partindo do que eles sabem e vivenciam, pois entendemos que é muito menos complexo interpretar e entender um fenômeno tendo ao menos em que se basear, se espelhar e tomar como referência. O professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem assume um papel importante nesse contexto, e esse papel precisa ser pensando e executado de modo a somar na vida de seus alunos, ajudando-os a serem sujeitos independentes e com uma boa base de raciocínio geográfico formado.

Referências

ALMEIDA, R. D; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

AZEVEDO, S. C. Reflexões sobre a cartografia escolar nos anos iniciais do ensino fundamental por meio da formação continuada. **Anekumene**, Alfenas, n. 17, p. 69-78, 2019.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CALLAI, H. C. Escola, cotidiano e lugar. *In*: MARGARIDA, M; BUITONI, S. (org.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 25-42.

OLIVEIRA, E. D; SOUZA, T. C. S; ROCHA, A. R. S. Alfabetização cartográfica: práticas pedagógicas nos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 274-291, jul./dez., 2016.

LIMA, M. V; SILVA, D. F. C. Pelas trilhas da orientação espacial – geocartografia: alfabetização cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Geoconexões**, Natal, v. 1, n. 15, p. 61-78, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15743>. Acesso em 22 dez. 2025.

STRAFORINI, R. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 95-114, jan./jun., 2002.

Sobre as autoras

Juliana dos Santos Lima: Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Mestre em Geografia, pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Psicopedagoga Escolar.
E-mail: julianabk2017@gmail.com

Samiris Leite dos Santos: Graduanda em Pedagogia.
E-mail: samirisleite019@gmail.com

Recebido em: 19 de setembro de 2025

Aprovado em: 12 de janeiro de 2026